SITUAÇÃO ATUAL DA "TABEBUIA CASSINOIDES" (LAM.) DC. E "TABEBUIA OBTUSIFOLIA" (CHAM.) BUR. NA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ, RIO DE JANEIRO

ROSE CLAIRE MARIA LAROCHE (*)

Resumo:

Neste trabalho estuda-se a distribuição e situação atual de duas espécies do gênero **Tabebuia** da família Bignoniaceae, na Baixada de Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Apresentam-se os fatores que prejudicam e ameaçam atualmente a sobrevivência das espécies, sua sistemática, anatomia, morfologia, biologia floral e observações sobre o comportamento fora de seu "habitat".

Dão-se algumas sugestões sobre a área de repovoamento das espécies.

Introdução:

Na Baixada de Jacarepaguá ambas as espécies são conhecidas como "tabebuias", cuja madeira foi aproveitada para fabricação de tamancos, atividade que prejudicou bastante as populações da **"Tabebuia cassinoides"** (Lam.) DC. e **"Tabebuia obtusifolia"** (Cham.) Bur. Atualmente não é mais possível essa atividade porque as árvores, apesar de grande capacidade de regeneração, foram cortadas antes de atingirem seu crescimento máximo em diâmetro. Após o corte os troncos rebrotaram com patente

(*) Pesquisadora, bolsista do CNPq.

deficiência fisiológica. Na Baixada Fluminense (LAROCHE, 1975), embora ainda exista tal exploração, a tendência é ficar em situação idêntica à Baixada de Jacarepaguá.

O fator que no momento ameaça a sobrevivência dos exemplares remanescentes das "tabebuias" é a especulação imobiliária que continuamente vem se alastrando na região. Grandes áreas de florestas são devastadas para a ocupação humana, abrangendo as zonas fitogeográficas das espécies em apreço.

Um movimento conservacionista em 1951 tinha como objetivo preservar a Baixada de Jacarepaguá com seus ecossistemas sob forma de a uma grande reserva biológica (STRANG, 1974). Todavia, apenas a Reserva Biológica e o Parque ecológico do Governo restaram desse objetivo.

O plano piloto idealizado em 1968 por LUCIO COSTA, consistia em conservar ao máximo as áreas verdes. Entretanto, as companhias imobiliárias e as firmas construtoras desejam investir seu capital privado reduzindo as áreas verdes e ampliando ao máximo as construções.

O Governo perdeu a oportunidade de incorporar ao patrimônio estadual, aquelas áreas, quando a Baixada não era tão cobiçada e pouco valia monetariamente (STRANG, op. cit.). Agora as companhias imobiliárias se apropriam da região.

A ocupação imobiliária indiscriminada e predatória aumentará com o sistema de túneis e viadutos criado pelo DER para livre acesso à Baixada deJacarepaguá.

É preciso que as áreas florestais não sejam destruídas, evitando-se assim a desvirtuação da paisagem e desaparecimento da flora e da fauna típica da região.

As construções deveriam ser erguidas preferivelmente em terrenos já descampados e não em locais onde a flora e a fauna são relativamente ricas.

Sistemática:

Seguimos a sistemática adotada por RIZZINI (1971).

Tabebuia cassinoides (Lam.) DC.

Características distintivas:

Árvore de 5-13 m. de comprimento por 20-25cm. de diâmetro. Ramo cilíndricos lenticeloso, estriado, glabro. Folhas simples, lanceoladas ou

oblongo-lanceoladas, coriaceas, glabras, ápice obtuso, base aguda com 10 a 22cm. de comprimento por 4-8cm. de largura. Inflorescência címulas trifloras. Cálice liso 2 cm. de comprimento, turbinado-campanulado, bilobado. Corola ampla, branca com fauce amarelada, perfumada com 6-9 cm. de comprimento. Semente com alas hialinas de 2 cm. de comprimento.

Nome vulgar: tabebuia, pau-de-tamanco, tabebuia-do-brejo, pau-de-viola, tamanqueira.

Tabebuia obtusifolia (cham.) Bur.

Características distintivas:

Árvore de 5-9 m. de comprimento por 25-30 cm. de diâmetro. Ramo cilíndrico, lenticeloso, estriado, glabro. Folhas simples, oblonga ou obovada-oblonga muito coriacea, ápice obtuso, 9-12 cm. (7-14) cm. de comprimento, por 45cm. (3-6)cm. de largura. Inflorescência cimulas. Cálice tubuloso campulado, 2-4 dentado de 2,5-3cm. de comprimento. Corola ampla, branca com 7,5-8,5 cm. de comprimento. Sementes aladas alas hialinas com 1 cm. de comprimento.

Nome vulgar: pau-de-tamanco, tamanqueira e tabebuia.

Chave analítica para determinação das espécies:

Árvore grande e mais fina. Cálice liso com 1-2 cm. de comprimento. Cápsula com 15 cm. de comprimento............ **T. cassinoides** (Lam.) DC.

Árvore pequena e mais grossa. Cálice costulado com 2,5-3 cm. de comprimento. Cápsula com 15-32cm. de comprimento **T. obtusifolia** (Cham.) Bur.

Morfologia:

Essas espécies são providas de raízes aéreas na base do tronco que servem de escora. O tronco tem a casca cinza clara lisa com pequenas fissuras e lenticelosso; internamente é esverdeada junto ao fino ritidoma, e um pouco mais para dentro é amarelada (Rizzini, op. cit.).

Anatomia:

Tabebuia cassinoides (Lam.) DC.

Parenquima nem sempre constatado predominantemente aliforme com longas extensões laterais unindo vários poros formando ora trechos oblíquos interrompidos ora quase concêntricos; poros visíveis a olho nu pouco numerosos, muito pequenos e solitários, vazios ou com substância branca; raios finíssimos e numerosos só visíveis com lente no tôpo e na face tangen-

cial; camada de crescimento demarcada por certo alinhamento tangencial dos poros e pelo parenquima terminal; lenho branco mui levemente rosado ou encardido (Mainieri, 1958).

Tabebuia obtusifolia (Cham.) Bur.

Parenquima constratado aliforme com extensões laterais longas em grupos oblíquos em trechos sinuosos descontínuos; poros pequenos na maioria solitários, vazios; raios finos só visíveis com lente no topo e na face tangencial; camadas de crescimento só demarcadas pelo parenquima terminal em linhas finas; cerne branco rosado, amarelo ou encardido, uniforme (Mainieri, op. cit).

Biologia Floral:

A corola é a parte mais importante no processo da polinização das flores das "tabebuias", pois ali se localizam os nectários. Os agentes polinizadores são: para **T. cassinoides** (Lam.) DC., a abelha, seguindo a convencional polinização das flores do gênero **Tabebuia**; para a **T. obtusifolia** (Cham.) Bur., o morcego nectarívoro. Segundo MEEUSE (1961), o morcego durante sua alimentação, coloca sua cabeça dentro da corola, e pelas garras se prende às flores. Essas são de tons claros para que possam ser percebidas por aquele Microchiroptero. A substância elaborada, em grande quantidade pelo nectários tem odor repulsivo de uma gaiola de ratos (MEEUSE, op. cit.).

Distribuição e situação atual das espécies:

A **T. cassinoides** (Lam.) DC. e **T. obtusifolia** (Cham.) Bur. se distribuem desde Pernambuco até São Paulo.

Em São Paulo, na zona litorânea de Santos até Juquiá, HOEHNE em 1929 já havia observado parcos sobreviventes das "tabebuias", procuradas durante muito tempo para a fabricação de tamancos. Atualmente essas árvores estão desaparecendo do litoral de São Paulo.

No Rio de Janeiro, na Baixada de Jacarepaguá elas ocorrem nas zonas de Ubaeté à Vargem Grande (MAGALHÃES CORREA, 1936). O corte da madeira era feito nas margens alagadas que contornam as Lagoas da Tijuca, Camorim e Campo de Sernambetiba, Ilha do Ribeiro, Vargem Grande, e daí restinga de Itapeba, passando por Piabas e Caeté num percurso de 35 km. Em todo esse trecho as árvores que se salientavam pela abundância eram as "tabebuias". Os portos da puxada das toras estavam à Estrada de Guaratiba que vinham desde o caminho da Caieira à Vargem Grande. Em 1974 estivemos na Baixada de Jacarepaguá para verificar a situação atual das espéécies. Em um trecho próximo ao Arroio da Pavuna encontramos exemplares remanescentes de uma população das "tabebuias" com troncos raquíticos. Nas margens da Tijuca, Camorim, Vargas e Cam-

bos de Sernambetiba não encontramos nenhum exemplar dessas árvores. Observamos exemplares das "tabebuias", também com troncos raquíticos, na mata paludosa das Taxas. Nas áreas dos rios e córregos, aproveitadas antigamente para puxada das toras, não observamos nenhum exemplar, aliás essas áreas estão agora urbanizadas. Nas próprias matas frondosas protegidas pelo Governo, observa-se "tabebuias" de finos troncos devido a exploração da madeira. Em toda a Baixada de Jacarepaguá a **T. cassinoides** (Lam.) DC e **T. obtusifolia** (Cham.) Bur., estão limitadas às proximidades do Arroio Fundo, Rio Pavunua, Rio Camorim e Mata do Canal das Taxas.

O desmatamento da Baixada de Jacarepaguá começou com a ocupação humana que se dedicou desde 1667 até 1891 ao plantio da cana-de-açúcar e da mandioca. A produção chegou a ser exportada em grande quantidade. Foi a fase aurea das fazendas de Santa Cruz, Camorim, Vargem Grande e Vargem Pequena (ABREU, 1957).

Em 1760 a cultura do café provocou o desflorestamento da região atingindo a area de Jacarepaguá.

Em 1773, o cultivo do anil, com a remessa para a Europa de boas amostras do produto. Essa atividade, entretanto teve duração efêmera.

Algumas culturas foram substituídas por outras, e a região foi se transformando em zona agrícola. As planícies próximas às vias de comunicação ficaram seriamente ameaçadas pela expansão urbana. Dessa maneira a Baixada de Jacarepaguá foi perdendo suas florestas e com elas o "habitat" das "tabebuias".

"Habitat":

As "tabebuias" se encontram nas áreas florestadas alagadas e remanescentes da Baixada de Jacarepaguá. A vegetação é típica de mata paludosa. O estrato arbóreo é composto pelas famílias Gutiferaceae, Sapindaceae, Mirtaceae e Myrsinaceae. Elas são frequentemente cobertas por bromeliáceas do gênero **Tillandsia**, e outras epífitas. Outros elementos associados às "tabebuias" são: **Bactris, Achrosticum** e **Typha.** Essa vegetação cresce num solo turfoso. O terreno é de formação quaternária. O clima é quente e úmido.

Comportamento da "tabebuias" fora do seu "Habitat".

As condições biológicas das tabebuias foram observadas em ambiente de montanha no Alto da Boa Vista, na cota de 365 m., entre a vertente da Guanabara e Lagoa da Tijuca. Apesar do clima desfavorável as plantas se adaptaram bem a esse ambiente.

A germinação obtida das "tabebuias" foi de 99%. Fizemos ensaios germinativos, em placas de Petri, e as sementes germinaram ao todo em 30 dias. Em seguida foi feita a repicagem para caixa de madeira contendo areia e terra peneiradas, e regadas respectivmente com água salobra da Lagoa do Parque Ecológico (do Dep. de Cons. Amb.) e água da chuva. As plantas em caixa contendo areia e regadas com água salobra morreram. Resistiram as plantas da caixa contendo terra e regadas com água da chuva. Concluímos que em ambiente natural, as "tabebuias" não são inundadas constantemente pela água salobra.

Colocadas em local de meia sombra, as plantas sofreram o fenômeno de fototropismo, inclinando-se para o lado onde podiam receber bastante luz. Constatamos também que estavam mal desenvolvidas. Expostas à luz direta do sol, elas voltaram a sua posição normal e começaram a se desenvolver. Aliás na mata paludosa seu "habitat", elas recebem luz direta do sol por não haver estratos acima delas.

Durante a fase de crescimento das "tabebuias" adicionamos soluções nutritivas de nitratos. A deficiência de nitrogênio foi constatada pela coloração amarelada das folhas. Outrossim elas apresentavam um aspecto patológico causado por uma micose. As lesões foram motivadas pela carência do elemento nutritivo que sensibilizou as plantas à infecção com fungos. Concluímos que em ambiente natural, as "tabebuias" exigem solo fértil. rico em nitrogênio.

Não observamos nenhum ataque de insetos ou outros animais às plantas embora estivessem desprotegidas de quaisquer artifícios.

Medidas de proteção:

As "tabebuias" serão reintroduzidas em seu ambiente natural. Estamos com um cultivo de 25 plantas. A área escolhida para repovoar as "tabebuias", deve ser pelas observações realizadas, de solo fértil, rico em nitrogênio, inundada por rios ou corregos. Os elementos vegetais devem ser típicos de mata paludosa.

Experiências realizadas anteriormente, demonstraram que não há muita possibilidade de repovoar com indivíduos retirados diretamente das matas.

Agradecimentos:

Agradecemos ao Prof. ADELMAR FARIA COIMBRA FILHO, pela orientação básica do trabalho, ao Prof. RONALDO F. DE OLIVEIRA, que patrocinou as excursões realizadas na Baixada de Jacarepaguá, e de uma maneira geral a todo o corpo técnico do Departamento de Conservação Ambiental da FEEMA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:

ABREU, S. F., 1957. Distrito Federal e Seus Recursos Naturais, 318 pp. Rio de Janeiro.

BANQUET, J. B., and FULLER, G. D., and CONARD, H. S., 1932. Plant Sociology, 433 pp. New York and London.

BUREAU. E. & SCHUMANN, K., 1897. Bignoniaceae in Martius Flora Bras. 8 (2) : 309-311. Monachii.

COIMBRA FILHO, A. F., Mico Leão-Leontideus rosalis (Linnaeus, 1766). Situação Atual da Espécie no Brasil (Callitricidae-Primatas). An. Acad. Bras. Ciência. (Suplm.), 41 : 29-52. Rio de Janeiro.

CORREA, M., 1936. O Sertão Carioca, 307 pp., Rio de Janeiro.

DAUBENMIREE, R.F., 1967. Plants and Enviromment, 411 pp. New York and London.

GONÇALVES, A. P., 1946. Noções Práticas de Silvicultura, 85 pp. Minas Gerais.

LAROCHE, R. C., 1975. Situação Atual da *Tabebuia cassionoides* (Lam.) DC. e *T. obtusifolia* (Cham.) Bur. Brasil Florestal n.º 21: 30-33. Rio de Janeiro.

MAINIERI, C., 1958. Madeiras Denominadas Caixeta.Publi. Inst. de Pesquisas Tecnológicas, n.º 572:18-19. São Paulo.

MEEUSE, B. J. D., 1961. The Story of Pollination, 202-208. New York.

RIZZINI, T. C., 1971. Árvores e Madeiras Úteis do Brasil, 34-45. São Paulo

STRANG, H E., 1974. Ecologia e Conservacionismo na Guanabara. Rev. de Adm. Mun. 122: 5-25. Rio de Janeiro.

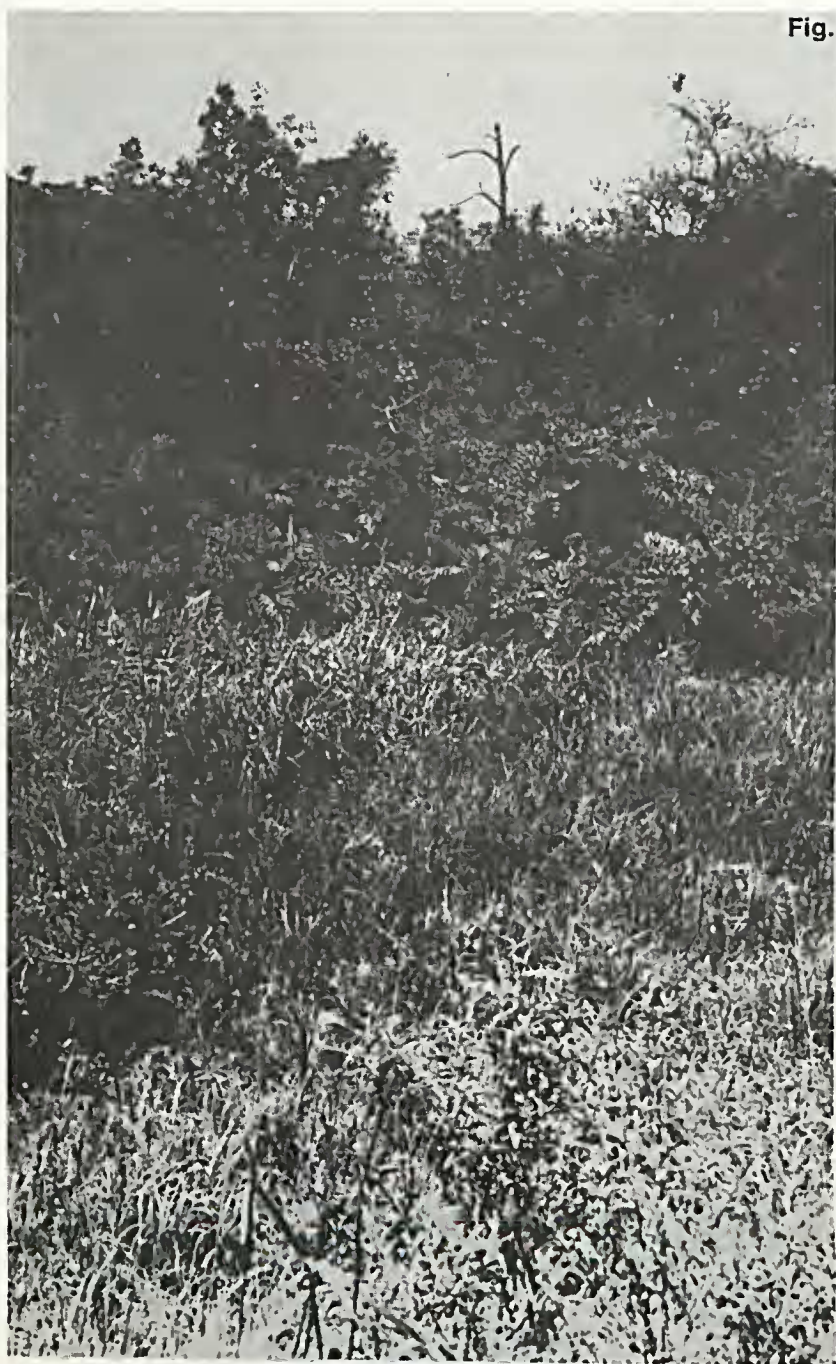
ABSTRACT:

The present work studies the distribution and the actual situation of two species of the genus *Tabebuia* from the Bignoniaceae family in the Baixada de Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Some factors are presented which injure and menace the survival of the species, its taxonomy, morphology, forest biology and also the remarks about its behavior inside the ""habitat"".

We hereby suggest about the area of repopuluation of the mentioned species.

Fig. 1

Tabebuia com tronco raquítico

Habitat das tabebuias, bastante degradado